

TODO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO DEVE CONTAR COM A PARTICIPAÇÃO DOS PROFESSORES.

Entrevista com Jean-Marie De Ketele*

Ana Lúcia Guimarães**

O professor Jean-Marie De Ketele participou nos dias 15 e 16 de outubro de 2007 de dois eventos de educação em São Paulo. No primeiro deles, o especialista em avaliação, que já trabalhou como consultor da Unesco e da Unicef em vários países da África, Ásia, Europa e América Latina, falou sobre “Avaliação e Políticas Públicas” no I Curso de Jornalismo de Educação, promovido pelo Movimento Todos Pela Educação em parceria com o site Comunique-se. O curso reuniu algumas das principais autoridades e especialistas em Educação e teve como objetivo levar a profissionais de todos os veículos, as ferramentas necessárias para uma boa cobertura dos temas relacionados à educação no Brasil. No dia seguinte, Jean-Marie De Ketele participou do seminário “Os sistemas de Avaliação Nacional e a Qualidade de Ensino”, realizado no âmbito da Semana Victor Civita de Educação 2007, que teve uma programação com diversas atividades voltadas para o debate de idéias, a reflexão sobre a qualidade de ensino no Brasil e o engajamento de profissionais de educação, dirigentes municipais e formadores de opinião. Horas antes dessa segunda atividade em São Paulo, o professor Jean-Marie De Ketele nos concedeu essa entrevista, em francês, traduzida por Marcos Reigota, seu ex-orientando de doutorado na Universidade Católica de Louvain.

Ana Lúcia Guimarães: Professor Jean-Marie De Ketele, o senhor se refere constantemente ao conceito de pilotagem no processo de avaliação. O senhor poderia explicitá-lo?

Jean-Marie De Ketele: Trata-se de um conceito que foi popularizado na maior parte dos países europeus especialmente sob a influência da União Européia e sob influência da implementação da Carta de Bolonha, que vai além da questão da mobilidade dos estudantes e dos professores e compreende, sobretudo, também, uma avaliação da

* Professor da Universidade Católica de Louvain (Bélgica) e Coordenador da Cátedra de Ciências da Educação da UNESCO, em Dakar (Senegal).

** Assessora de comunicação da UNESCO em Brasília.

E-mail: ana.guimaraes@unesco.org.br

qualidade da formação que é dada nos diferentes países da União Européia. Considerase que não é suficiente avaliar apenas para se tirar conclusões e tomar decisões e realizar ações para melhorar o sistema educativo mediante a avaliação. Trata-se do processo que consiste efetivamente em transformar o sistema educativo, tendo como base da avaliação a pilotagem. A avaliação faz, em si, parte ela mesma da pilotagem. E hoje está presente na maior parte dos países europeus da Comissão Nacional de Avaliação desses países. Há um consórcio de Comissão Nacional de Avaliação, de Filiação e de Pilotagem. Dito de outra forma, a Comissão de Avaliação, Comissão de Filiação e Comissão de Pilotagem que comandam as avaliações se consultam regularmente com o objetivo de harmonizar as políticas dos sistemas educativos europeus. A filiação consiste em confiar seja a uma entidade independente seja a uma entidade do Estado o cuidado de dizer se a formação corresponde a um certo nível do padrão de qualidade. Então, faz parte também da pilotagem estabelecer um padrão de qualidade estipulado, esperado para o sistema educativo, para a universidade, para o ensino de base ou qualquer outra forma de instituição educativa. Por exemplo, pego o caso da França, o Ministério da Saúde confiou à Escola Nacional de Saúde Pública o cuidado de filiar todos os programas de formação de pessoal e todas as instituições – não são apenas os programas! – que formam o pessoal da área de saúde.

Ana Maria Guimarães: Quais são os critérios utilizados nesse processo de avaliação?

Jean-Marie De Ketele: Os critérios são fixados mediante negociações entre diferentes autoridades envolvidas. O mais freqüente, é de acordo com o que se faz em outros países. E há grupos internacionais financiados com freqüência pela União Européia para poder definir os padrões de qualidade. A União Européia facilitou instaurando um consórcio dessas comissões nacionais.

Ana Maria Guimarães: O senhor poderia exemplificar como, nesses casos, ocorre o Processo de Avaliação por Pilotagem?

Jean-Marie De Ketele: O termo pilotagem está relacionado com à idéia do piloto do avião. O piloto de avião é o que acompanha, é o responsável por tudo o que ocorre no avião, no seu interior. Pilotar significa administrar o conjunto do processo e poder confiar no outro, dar responsabilidade ao outro, para que todos trabalhem juntos, por um objetivo comum. O piloto é quem faz a relação entre o solo e o ar, ele tem que confiar nas pessoas que estão trabalhando com ele, e cada um deve estar consciente de sua função.

Ana Lúcia Guimarães: Considerando que o senhor trabalhou em países com realidades educacionais e sociais próximas das do Brasil, o que o senhor considera importante para um país como o Brasil, para a mudança no sistema educativo?

Jean-Marie De Ketele: A mudança na qualidade do ensino de um país não se faz por decreto. Uma das coisas mais importantes desse processo de melhoria da qualidade de ensino é ter no ponto de partida uma visão clara do que nós vamos fazer, do sistema educativo que se quer melhorar e uma visão de sociedade. O importante é que essa visão seja compartilhada e divulgada. O que acontece é que essa visão vem sempre do alto, do ministério, de pessoas privilegiadas e não chega embaixo, aos professores. E quando chega, não é bem traduzida para ser bem entendida. O primeiro ponto é estabelecer uma campanha, inclusive na mídia, para que se compreenda muito bem o papel do sistema educativo. Há que se traduzir essa visão concretamente e deixar claro o lugar de cada um nesse sistema e na possibilidade de mudança. É necessário que a proposta seja coerente com a visão que se tem da educação e do sistema que se quer melhorar e que, o currículo seja coerente em relação com essa visão mais ampla, mais geral. Por exemplo, se o que se quer é desenvolver o pensamento científico, se achamos que desenvolver o raciocínio científico é importante, então é necessário desenvolver e oferecer as infra-estruturas necessárias para isso. Deve se evitar as incoerências. Se julgamos um objetivo pedagógico realmente importante, é necessário oferecer as condições concretas para que esse objetivo seja atingido. Um segundo ponto muito importante no Processo de Avaliação por Pilotagem é que ele é feito de baixo para cima. De forma geral os processos de avaliação são do alto para baixo, o que atinge principalmente os professores, que já estão motivados e que de certa maneira não vão mudar as boas práticas que eles já têm. Eles só melhoram o que já realizam bem. Esse processo de cima para baixo não muda as práticas, ele apenas possibilita que elas melhorem. O importante é que o processo de avaliação modifique as práticas daqueles que se sentem motivados, mas que não têm condições de modificá-las. Por isso é preciso ouvi-los, e considerar que o processo de avaliação visando a melhoria da qualidade do ensino deve ser de baixo para cima. Ou seja das salas de aula, para os responsáveis pela política do sistema de ensino. É importante fazer com que os professores se sintam implicados em todo o processo de melhoria da qualidade de ensino. Na conferência dessa tarde vou apresentar o dispositivo de pilotagem que foi colocado em prática na Bélgica francófona, que se destaca pela participação dos professores. O importante a observar nesse caso é que são os próprios professores que conduzem a avaliação. Como já observei, a pilotagem mais interessante é que raciocina no sentido de baixo para cima. Não são os professores que serão avaliados, mas sim serão, eles

que estão na prática cotidiana, em sala de aula, que aplicarão as provas, elaboradas por uma equipe. São os professores que aplicam as provas de avaliação. Isso dá um outro sentido ao papel dos professores nesse processo. Na semana seguinte os professores se reúnem e corrigem eles próprios as provas feitas pelos alunos de outros professores. Na confrontação de avaliação há todo um processo de formação em que cada professor pode avaliar a performance de sua classe em relação às outras classes. Cada diretor de escola dá os resultados de cada aluno e como a escola se situa em relação às escolas vizinhas, de sua região e do seu país. Essa avaliação permite que os coordenadores pedagógicos estabeleçam processos de formação que estejam relacionados com as necessidades concretas dos professores, naquela escola, naquela região. A avaliação deve ter a participação dos especialistas, dos funcionários, etc... mas são os professores que estão em atividade que podem fazer a avaliação. Finalmente, devemos nos questionar quais são nossas as expectativas e o que esperamos dos nossos alunos. Os professores corrigem as provas dos alunos que não são os seus. Corrigindo as provas dos alunos dos outros professores, há todo um trabalho de formação. Os professores podem situar a performance de seus alunos na mesma escola. Essa comissão de professores fornece à comissão de pilotagem, o resultado de seus alunos, de suas escolas e podem diagnosticar como o resultado de seus alunos se encontra em relação às escolas vizinhas e em relação às escolas do país. Os coordenadores pedagógicos (o que na Bélgica chamamos de inspetores) terão com esses dados originados do processo de avaliação, um papel importante na definição das necessidades para a formação dos professores. Na correção das provas há um grupo para discutir os resultados, os diagnósticos que uns e outros podem fazer sobre esses resultados e o conjunto de resultados e indicações desse processo é enviado ao comitê de pilotagem, que elabora um conjunto de indicações pedagógicas que possam colaborar com os professores para melhorar os resultados dos alunos. O coordenador deve fazer um plano de ação para ampliar os resultados dos alunos. Esse é um movimento de alto a baixo que retorna à sala de aula como possibilidade de mudanças, de melhoria. Quero dizer que o envolvimento e a participação dos professores é muito importante e é o que faz toda a diferença no processo.

Ana Lúcia Guimarães: Em resumo é a participação dos professores no processo de avaliação que faz a diferença?

Jean-Marie De Ketele: Sim. É necessário se estabelecer uma rede de avaliação que se construa em baixo e não no alto.

Ana Lúcia Guimarães: Eu gostaria de voltar ao assunto sobre a avaliação da educação no Brasil. No Brasil não temos uma cultura de avaliação, sendo assim, fica difícil fazer uma avaliação. Só recentemente começamos a fazer avaliações, mas de forma geral as pessoas resistem a essas avaliações. Há professores que recusam qualquer tipo de avaliação. O que o senhor diria para sensibilizar os professores de que a avaliação é importante para avançar, para melhorar?

Jean-Marie De Ketele: Eu parto da seguinte idéia: quem mais avalia que os professores? Os professores estão avaliando o tempo todo. Avaliando só alunos há uma relação de poder e os professores conhecem muito bem esse poder. Sabendo muito bem do poder que dá a avaliação é normal que haja medo dela quando realizada por outros. Mas no processo de avaliação da educação não deve ser feito a avaliação do professor, mas sim do ensino. O que é completamente diferente. Como avaliar um professor que tem bons resultados? Um critério inevitável é avaliar pelo desempenho dos seus alunos. O que deve ser avaliado é a qualidade do ensino. Os índices de aprovação e reprovação, embora importantes, não dão a realidade da qualidade de ensino. É muito importante descrever o nível de performance que esperamos dos alunos. Ou seja, deve-se procurar observar se o aluno aprendeu os conhecimentos de base, de cálculo, de gramática para produzir uma linguagem correta, compreensível. Se o professor consegue que o seu aluno chegue a isso, já está bem, mas isso não significa necessariamente que a formação está terminada. Então precisamos definir os níveis de performance que esperamos, que queremos dos alunos e assim podemos avaliar o ensino que ele recebe e também as práticas pedagógicas do professor. Quando nós formamos alguém desenvolvemos nessa pessoa uma certa competência para resolver uma série de problemas da vida cotidiana, da vida social e, dessa forma, nós avaliamos indiretamente a qualidade do ensino. Nós formamos alguém para a vida social. Quais são as performances que precisamos, que esperamos, para formar alguém para a vida social? A resposta a essa questão é um dos principais critérios para avaliar a qualidade do ensino. Precisamos parar de culpar os professores. Temos que centrar nossa observação sobre o progresso que eles provocaram ou não nos seus alunos. No Processo de Avaliação por Pilotagem é realizado o acompanhamento do professor, pelo coordenador pedagógico, com o objetivo de ajudar o professor a fazer um diagnóstico de onde é necessário agir. Juntos procuram uma explicação e procuram outras alternativas para buscar mudar a situação. Inverter a situação onde o ensino é mais frágil é o grande desafio. É muito importante levar em consideração o progresso que os professores trouxeram aos seus alunos, essa é uma perspectiva muito diferente para se avaliar a qualidade do ensino. É necessário conhecer as representações que ele tem dos

paradigmas pedagógicos. Nós sabemos que não há um paradigma pedagógico mais eficaz que outro. Sabemos que a eficiência dos paradigmas pedagógicos, quaisquer que sejam eles, dependem muito mais do tipo de público e da personalidade do professor em relação aos seus alunos. É necessário também se levar em consideração as condições das práticas pedagógicas. Sei que em muitos países os professores não têm nem giz, professores que compram o próprio material que levam aos alunos. Eu vi professores na África e na Índia que escrevem no chão. Penso que esse não é o caso do Brasil, mas isso acontece em vários países e, embora nessas condições precárias, o processo de ensino acontece.

Ana Maria Guimarães: Em que momento nós estamos no processo avaliação no mundo e como os diferentes tipos de avaliação podem ajudar um país como o Brasil a avançar no processo pela qualidade da educação?

Jean-Marie De Ketele: Há avaliações que são boas, outras menos. Há retroação. Há avaliações que são sobre as práticas que são pouco eficazes. Penso que precisamos definir o que se espera que o aluno saiba, por exemplo, no final do ensino de base. O que é incontornável, inevitável, no seu aprendizado? Tenho observado, que independente das características locais, nacionais, os países têm definido esse conhecimento de base incontornável, aqueles de características “universais”, os países definem da mesma forma o que consideram o conhecimento necessário em determinado nível de ensino. O conhecimento de base de características locais ainda não foi identificado e acho que isso é e será muito importante para se definir a qualidade de ensino. Definir os conhecimentos incontornáveis é muito importante. As quatro operações são um conteúdo incontornável, mas também posso dizer que conhecimentos para resolver problemas comuns é um tema incontornável. A competência em português, ou em francês, como língua materna é outro conhecimento incontornável, inevitável, num processo de ensino básico. Tenho que observar, por exemplo, se meu aluno tem condições de ler e entender um texto, escrever uma mensagem de forma coerente e correta. Por aí posso avaliar o aprendizado do meu aluno e o domínio da língua que ele tem em analisar e escrever um texto com as regras gramaticais, podendo transformar e tornar o seu texto compreensível. Se eu tivesse que fazer uma avaliação da aprendizagem da língua materna eu faria isso. Tenho procurado observar, nos países em que tenho trabalhado quais seriam os conhecimentos indispensáveis que o aluno deveria ter no final do ensino básico. Quais são os conhecimentos incontornáveis, inevitáveis?

Ana Maria Guimarães: Esses conhecimentos seriam bem próximos dos alunos?

Jean-Marie De Ketele: Sim, conhecimentos bem próximos dos alunos. Se estamos nos referindo aos conhecimentos matemáticos necessários para se comprar material de construção, por exemplo, todos os conhecimentos inevitáveis se apresentam em qualquer lugar. Mas quando estamos falando dos conhecimentos sobre a Aids, ou sobre o meio ambiente na África, por exemplo, quais são os conhecimentos indispensáveis que os alunos, ao final do ensino básico, devem ter para utilizá-los na vida cotidiana? Então, esse conhecimento indispensável está intimamente relacionado ao contexto da vida cotidiana das pessoas.